
UMA PERSPECTIVA DO ESTUDO DOS GRUPOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

ANTÓNIO JOSÉ MIGUEL CAMEIRA

Abstract

The paper attempts a bird's view of the study of group processes within social psychology after Lewin's major impulse, accounting for the ups and downs of research production in the field. A special focus is maintained in the contrasting approaches of american and european authors. The main controversies are referred, at the methodological and research subject levels, between the followers of the classic american authors (Group Dynamics) and the new trends within the social psychology mainstream in the study of group processes which includes the social cognition approach and the european Social Identity Theory.

Os grupos foram inicialmente alvo de interesse dos teóricos sociais europeus na viragem do século. Com as perturbações e confrontos sociais, políticos e militares que abalaram a Europa na primeira metade do século XX, os teóricos americanos passaram a ter o predomínio científico, com maior disponibilidade e meios para prosseguir os estudos lançando as bases da psicologia social e definindo a área. Só a partir de inícios dos anos 60, os investigadores europeus voltaram a ter protagonismo na psicologia social, com Moscovici e Tajfel, entre outros. Tentarei dar uma imagem desta evolução. Mas antes, e para melhor compreensão do texto, há que chamar a atenção para a diferença de enfoque nas várias abordagens psico-sociológicas dos grupos. Doise (1982), considera que a psicologia social americana tende a abordar os fenómenos individualisticamente, partindo do individual para o social e enfatizando o psicológico em detrimento do social. Por seu lado, a psicologia social europeia tende a abordar os fenómenos psico-sociais macroscopicamente, partindo do social para o individual e enfatizando o social em detrimento do psicológico. Por seu lado, Hogg (1992) considera que a partir de finais dos anos 60, a área de estudos dos grupos anteriormente denominada por Lewin "Dinâmica de Grupos", matriz das correntes subsequentes, dividiu-se em duas linhas de orientação algo diferentes, embora com interrelações consideráveis. Uma é descendente directa da Dinâmica de Grupos focaliza aspectos da eficácia e produtividade dos grupos incluindo trabalhos sobre o poder da discussão na mudança de atitudes, crenças, normas, e comportamento dos membros, e ultimamente, sobre a liderança, a coesão e a estrutura interna de grupos específicos: organizacionais, militares, desportivos (ver Forsyth, 1990, como um exemplo

UMA PERSPECTIVA DO ESTUDO DOS GRUPOS ...

desta linha). Esta linha é de facto predominante nos EUA. A outra, está localizada na corrente principal da psicologia social, e está mais preocupada com os processos básicos dos grupos e com o desenvolvimento de teoria sobre os grupos, verificando-se actualmente na Europa e nos EUA, indistintamente. Em nossa opinião, outra das características diferenciadora das duas linhas é o tipo de grupo em que se centram. A linha da Dinâmica de Grupos centra-se nos grupos psicológicos (pequenos grupos, interactivos, face a face), enquanto a segunda linha se centra nos grandes grupos sociais embora faça generalizações, inferências e correspondências para os grupos psicológicos. O pequeno grupo comunga dos atributos dos grupos sociais mas caracteriza-se também pelas relações interpessoais diádicas que ocorrem no seu seio. Devido ao seu objecto de estudo e ao peso das relações interindividuais dos membros nos pequenos grupos, a primeira linha tende a explicar os processos grupais numa perspectiva individualizante. Turner e Oakes (1986) consideram esta perspectiva inadequada na abordagem dos grupos, advogando que uma perspectiva interaccionista, na qual o social interage com o pensamento individual modificando-o qualitativamente, está mais apto ao estudo das especificidades do grupo. Vejamos para já com o pormenor possível num artigo deste tipo a evolução do estudo dos grupos a partir de Kurt Lewin.

LEWIN E A DINÂMICA DE GRUPOS: A MATRIZ DOS ESTUDOS SOBRE OS GRUPOS

Antes de emigrar para os Estados Unidos, Lewin fez parte da escola gestaltista de Berlim, onde desenvolveu as bases da sua teoria dinâmica da personalidade (1935) e da psicologia topológica (1936). A obra de Lewin prefigura a investigação científica de forma exemplar, ou seja, a harmonização da teoria com a prática, o constante oscilar entre a experimentação e a teorização, o direccionamento pragmático da investigação teórica para os problemas da sociedade (Cartwright, 1951). As duas vertentes, teórica e prática do seu legado tiveram um impacto enorme na psicologia social dos grupos. Contudo, como veremos à frente, se o seu pragmatismo é intensivamente seguido pelos autores americanos, por outro lado, a teorização que Lewin considera tão indispensável como a prática, é escamoteada. Ao nível teórico, é conhecida a importância do seu contributo que, introduzindo a variável personalidade no paradigma watsoniano de estímulo-resposta, altera qualitativamente e de forma irreversível o percurso de toda a psicologia. Basicamente, Lewin (1951) considera que as explicações do comportamento humano têm de ter em conta o campo total de forças, operando no indivíduo no momento em que a acção ocorre. O significado destas forças dependem da forma como são interpretadas pelo indivíduo e as valências respectivas adquiridas em função dessa interpretação. As valências positivas ou negativas percebidas ou esperadas dos acontecimentos interagem com as tensões dentro do indivíduo para criar um configuração de forças pressionando-se mutuamente. Quando as

forças em competição estão em desequilíbrio o indivíduo responde de forma a repor o equilíbrio. As forças em campo estão, na maioria, representadas no espaço vital. Este consiste num mapa cognitivo que comporta: zonas alvo para as quais o indivíduo deseja mover-se; barreiras a ultrapassar; as regiões negativas que deseja evitar. As acções observadas e antecipadas das outras pessoas também estão incluídas no espaço vital e são responsáveis pelas forças induzidas. As forças são originadas no "envoltório externo" do espaço vital, uma região povoada por acontecimentos que não são percebidos, elaborados ou esperados. Contudo, Lewin não se preocupa em especificar este "envoltório externo". Mesmo ao teorizar, Lewin tem um enfoque muito pragmático, preocupando-se mais com os processos do que com os porquês dos fenómenos psíquicos. Considera que os sistemas teóricos têm de assentar em resultados empíricos sólidos, e que o estudo dos processos e o aperfeiçoamento dos conceitos deve anteceder a construção dos sistemas de conceitos e de relações de causalidade, que compõem as teorias. Pensa que o psicólogo tem de lançar mão dos termos comuns, mesmo se não testados, para efeitos de progresso no estudo, mas não deixar de, em certa altura, testar esses termos e transformá-los em conceitos (Cartwright, 1951). Tal é o caso do espaço vital.

Segundo Steiner (1986), Lewin considerava que o espaço vital é um reflexo fiel dos acontecimentos. Daí a possibilidade de manipular o material a que o indivíduo está exposto, sem distorcer gravemente o que se passa na vida real e com a vantagem de se poder controlar variáveis que no terreno têm efeitos enganosos. Além disso, como Lewin considera que o indivíduo tem conhecimento da maioria das suas cognições, pode-se ter acesso ao seu espaço vital através dos respectivos auto-relatos. Estes pressupostos deram origem à intensa actividade laboratorial ainda hoje dominante na psicologia social em geral e no estudo dos grupos em particular. Segundo Steiner (1986), defendendo o método de observação dos grupos *in vivo*, a perspectiva de Lewin sobre o estudo dos grupos, embora heurística e prolífica, limita-se ao estudo do indivíduo no grupo - mas o grupo tal como é percebido pelo indivíduo. Para Steiner, os aspectos "ecológicos" como o espaço grupal, as relações dos grupos com o exterior, e o delinear das "sequências de interacção humana pelas quais se constrói a interdependência dos membros" (p.262), não são avaliados nem considerados importantes neste paradigma. Podemos perguntar-nos se estes aspectos ecológicos e de continuidade não estão eles próprios implícitos e representados nas cognições relatadas pelos indivíduos, no contexto laboratorial.

A definitiva viragem da psicologia social para os processos cognitivos subjacentes aos comportamentos dos indivíduos, juntamente com a possibilidade de estudar os fenómenos grupais no ambiente controlado e cómodo do laboratório gerou uma profusão de trabalhos na área da

psicologia social dos grupos. Grande parte desses trabalhos é originária do *Research Centre for Group Dynamics*, fundado por Lewin em 1945. Aí reuniu vários investigadores; que adoptaram o seu espírito pragmático, e cujos trabalhos vieram a influenciar a psicologia social contemporânea como Festinger, Schachter, Newcomb, Bach e French. Estes autores exploraram as virtualidades do método experimental no estudo do comportamento grupal sendo que estas investigações correspondem a um período áureo do estudo dos grupos.

170

Os anos 50 e 60 foram, portanto, férteis em estudos sobre os processos de grupo. Alguns dos principais trabalhos desse período foram compilados por D. Cartwright e A. Zander nas sucessivas edições de *Group Dynamics* (1953, 1960 e 1968). Aí se encontram os marcos de referência para a investigação posterior sobre a influência social, o poder e a conformidade, a identificação e pertença grupais, a estrutura grupal, os fenómenos de liderança e o desempenho; a coesão grupal, a competição e cooperação, etc. Referimo-nos aos trabalhos de Festinger (1950) sobre as pressões para a uniformidade na comunicação social informal; de Schachter (1951) sobre o desvio aos padrões de grupo; de Asch (1951) sobre a conformidade; de Deutsch e Gerard (1955) sobre a influência normativa e informacional do grupo no julgamento individual; de White e Lippitt (1960) sobre os efeitos dos estilos de liderança; de French e Raven (1959) sobre as bases do poder social; de Bales (1950) e a análise do processo de interação nos pequenos grupos; de Fiedler (1964) sobre os determinantes situacionais da eficácia na liderança; de Deutsch (1949) sobre os efeitos da competição e da cooperação entre membros do grupo; e muitos outros.

Uma imagem bastante completa deste trabalho está patente nas revisões periódicas que a *Annual Review of Psychology* decidiu fazer, a partir de 1961: Shaw (1961), Steiner (1964), Gerard & Miller (1967), Helmreich, Bakerman & Scherwitz (1973), Davis, Laughlin & Komorita (1976), Zander (1979), McGrath & Kravitz (1982) e Levine & Moreland (1990). Mas já antes destas revisões, cada um dos volumes da *Annual Review of Psychology* (encetada em 1950) tinha um capítulo de Psicologia Social, um terço do qual sobre grupos. Por esta abundância de revisões podemos constatar como o estudo dos grupos, é nuclear na Psicologia Social dos anos 50 e 60! As primeiras sinopses vêm a área dos grupos como uma das mais promissoras da psicologia social, embora algumas delas apontem a falta de desenvolvimento teórico enquadrando os resultados empíricos obtidos. Este último aspecto é reiterado nas revisões subseqüentes.

Contudo, a produção global na área foi regredindo e em 1974, Steiner lamenta a escassez de estudos na área da psicologia social dos grupos. Na última das revisões do *Annual Review of Psychology* de literatura sobre grupos, Levine e Moreland (1990) consideram que, não obstante alguns

excelentes estudos, a psicologia social perdera já o predomínio naquela área, pertencendo agora a primazia à psicologia organizacional. Consideram ainda os autores, que os investigadores da psicologia organizacional nutrem algum cepticismo sobre a adequação do método experimental no estudo dos grupos, preferindo outros métodos como a pesquisa de campo, técnicas de observação e análises de registos. De facto, a manutenção desta prolixidade de estudos sobre grupos na psicologia organizacional vem a verificar-se nos anos 90 (Guzzo & Dickson, 1996). Contudo, ao contrário do predito por Levine e Moreland, também na psicologia social se verifica uma prosperidade inesperada. Moreland, Hogg e Haines (1994) analisam a literatura sobre grupos de 1974 a 1993 em 3 revistas científicas representativas e verificam que em termos quantitativos, se constata um padrão curvilíneo com um decréscimo da produção nos finais dos anos 70, mantendo-se baixo durante os anos 80 e subindo abruptamente nos inícios de 90. Este padrão é atribuído pelos autores, à falta de teorização sobre os grupos (responsável pelo decréscimo) e à emergência, durante os anos 80, da abordagem da cognição social dos grupos e da abordagem europeia (responsável pelo recente aumento de produção). De facto, numa análise mais pormenorizada os autores verificaram que a primeira abordagem está patente em 31% da produção total sobre grupos e a abordagem europeia em 16%. Exemplo da primeira tendência é o livro de Hamilton (1981) sobre os processos cognitivos dos estereótipos, que demonstra o potencial valor da aplicação das teorias e métodos cognitivos à pesquisa de grupos. Outros exemplos citados incluem o trabalho de Jones e colaboradores (ex. Jones, Woods & Quattrone, 1981) nas percepções de variabilidade entre membros do grupo, o trabalho de Rothbart e colaboradores (ex. Rothbart, Evans & Fulero, 1979) sobre a codificação e evocação de informação de membros de grupos, e Mullen (1983) sobre composição do grupo e saliência do eu. A segunda tendência é o crescente entusiasmo dos psicólogos americanos pela abordagem europeia dos grupos. Por exemplo, o trabalho de Tajfel sobre categorização social nas relações intergrupais (ex. Tajfel, 1978; Tajfel & Turner, 1979) influenciam psicólogos sociais americanos como Brewer (1979) e Wilder (ex. 1986). Muitos outros psicólogos sociais americanos como Levine (1980), Nemeth (1986) e outros (ex. Latané & Wolf, 1981; Maass & Clark, 1984) mostram-se interessados na influência minoritária devido ao trabalho de Moscovici nessa área (ex. 1976).

A partir dos anos 60, os países europeus começam pois a recuperar terreno na área. Especificamente, a partir de duas grandes figuras da psicologia social desenvolvem-se várias importantes linhas de investigação com impacto na área dos grupos. Referimo-nos a H. Tajfel, com os trabalhos sobre categorização social e relações intergrupais e sobre identidade social e a S. Moscovici, com os trabalhos sobre a influência minoritária. Tajfel, partir de trabalhos sobre julgamentos na percepção social, passando pela interpretação cognitiva do preconceito, interliga os conceitos de

categorização social, comparação social e identidade social (1978). O trabalho de Tajfel focaliza-se nas relações entre grandes grupos sociais (raciais, étnicos, nacionais e classes sócio-económicas), mas a teoria desenvolvida com outros colaboradores a partir de meados dos anos 70, pode ser vista como uma teoria sócio-psicológica do grupo social (Tajfel e colaboradores, 1978, 1982; Tajfel & Turner, 1979). Turner e colaboradores (1987) aperfeiçoam posteriormente um modelo teórico, que desenvolvendo-se a partir da teoria da identidade social, elabora em detalhe a base sócio-cognitiva da pertença grupal. Juntamente com Hogg, exploram as implicações dos novos conceitos para os processos de influência dentro dos limites do grupo, para a formação de grupos psicológicos (grupos face-a-face) e para a coesão grupal (ex. Turner, 1991; Hogg, 1992). Não obstante a teoria focalizar essencialmente os grupos sociais, muitos dos conceitos são aplicáveis aos grupos face-a-face (ex. Hogg, 1996). De facto, como referimos os grupos face-a-face são também, antes de tudo, grupos sociais e patenteiam as características destes, não obstante a importância relativamente maior que neles têm os fenómenos próprios do relacionamento interpessoal.

A teoria da identidade social faz coincidir o comportamento grupal com o comportamento gerado pela categorização social. Um grupo psicológico é, pois, definido como "(...) uma colecção de pessoas que partilham a mesma identificação social ou se definem a si próprias em termos da pertença à mesma categoria social." (Turner, 1984, p.530). As identificações são estruturas cognitivas mas são também produtos sociais, passíveis de serem definidas por estereótipos com um conteúdo sócio-cultural. O grupo é uma realidade social e um processo psicológico, e há uma constante determinação recíproca entre ambas as partes do fenómeno.

CONCLUSÃO

Turner e Oakes (1986) imputaram à perspectiva individualista a causa do desinteresse progressivo no estudo dos grupos e da insipiente teorização na área. De facto, só a adopção de um nível explicativo distante das problemáticas interpessoais criou condições para a emergência de teorização específica do grupo. Lewin aconselhava que a teoria deveria suceder-se à prática. Mas como é possível ver pela sua obra, nunca considerou a teoria dispensável (Cartwright, 1951). Durante décadas verificou-se o acumular de evidência empírica sobre os fenómenos grupais, sem que o correspondente avanço teórico enquadrasse os resultados. O efeito foi o desinteresse gradual dos psicólogos sociais pela área e a sua passagem aos psicólogos das disciplinas aplicadas. A emergência dos paradigmas cognitivo-social e cognitivo-motivacional (identidade social) leva à redescoberta do grupo humano num nível imprevisto que abarca o grupo

face a face e o grupo social e que abre novas perspectivas à psicologia social dos grupos.

REFERÊNCIAS

- Asch, S. E.** (1951). Effects of group pressure upon the modification and distortion of judgements. In H. Guetzkow (Ed.) *Groups, Leadership and Men*, Pittsburgh: Carnegie Press.
- Bales, R. F.** (1950). *Interaction process analysis: A method for the study of small groups*. Cambridge, Mass.: Addison-Wesley Press.
- Brewer, M. B.** (1979). Ingroup bias in minimal intergroup situation: A cognitive-motivational approach. *Psychological Bulletin*, 86, 307-324
- Cartwright, D. & Zander, A. (Eds.)** (1953/1960/1968). *Group Dynamics*. (1.st/2.nd/3.rd editions) New York: Harper & Row, Pub.
- Cartwright, D.** (1951/1997). Foreword to the 1951 Edition. In K. Lewin. *Field Theory in Social Science*. Washington: American Psychological Association
- Davis, J. H., Laughlin, P. R. & Komorita, S. S.** (1976). The Social Psychology of Small Groups. *Annual Review of Psychology*, 27, 501-41
- Deutsch, M & Gerard, H. B.** (1955). A study of normative and informational social influences upon individual judgements. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 51, 629-636.
- Deutsch, M.** (1949). Effects of Cooperation and Competition in Group Processes. *Human Relations*, 2, 129-152.
- Festinger, L.** (1950). Informal Social Communication. *Psychological Review*, 57, 271-282.
- Fiedler, F. E.** (1968). Personality and Situational Determinants of Leadership Effectiveness. In **D. Cartwright & A. Zander (Eds.)** *Group Dynamics* (3.rd edition) New York: Harper & Row.
- French, J. R. P. & Raven, B. H.** (1959/1967). The bases of social power. In D. Cartwright (ed.) *Studies in Social Power*. Ann Arbor, Mich.: Institute of Social Research.
- Gerard, H. B. & Miller, N.** (1967). Group Dynamics. *Annual Review of Psychology*, 18, 287-332
- Guzzo, R. A. & Dickson, M.W.** (1996). Teams in Organization: Recent Research on Performance and Effectiveness. *Annual Review of Psychology*, 47, 307-38
- Hamilton, D. C. (Ed)** (1981). *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Helmreich, R., Bakerman, R. & Scherwitz, L.** (1973). The Study of Small Groups. *Annual Review of Psychology*, 24, 337-54
- Hogg, M. A.** (1992). *The social psychology of group cohesiveness: from attraction to social identity*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Hogg, M. A.** (1996). Intragroup processes, Group Structure and Social Identity. In W. P. Robinson (Ed.) *Social Groups and Identities: Developing the legacy of Henry Tajfel*. Oxford: Heineman.
- Jones, E. E., Wood, G. C. & Quattrone, G. A** (1981). Perceived variability of personal characteristics in ingroups and outgroups: The role of knowledge and evaluation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 7, 523-528.
- Latané, B. & Wolf, S.** (1981). The social impact of majorities and minorities. *Psychological Review*, 88, 438-453

- Levine, J. M.** (1980). Reaction to opinion deviance in small groups. In P. Paulus (Ed.) *Psychology of group influence* (pp. 375-429). Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Levine, J.M. & Moreland, R. L.** (1990). Progress in Small Group Research. *Annual Review of Psychology, 41*, 585-634
- Lewin, K.** (1935). *A Dynamic Theory of Personality*. N.Y.: McGraw Hill.
- Lewin, K.** (1936). *Principles of Topological Psychology*. N.Y.: McGraw Hill.
- Lewin, K.** (1951). *Field theory in social science: Selected theoretical papers*. N.Y.: Harper.
- Maass, A. & Clark, R. D.** (1984). Hidden impact of minorities: Fifteen years of minority influence research. *Psychological Bulletin, 95*, 428-450
- McGrath, J. E. & Kravitz, D. A.** (1982). Group Research. *Annual Review of Psychology, 33*, 195-230
- Moreland, R. L., Hogg, M. A. & Haines, S. C.** (1994). Back to the future: Social psychological research on groups. *Journal of Experimental Social Psychology, 30*, 527-55
- Moscovici, S.** (1976). *Social Influence and Social Change*. N. Y.: Academic Press
- Mullen, B.** (1983). Operationalizing the effect of the group in the individual: A self attention perspective, *Journal of Experimental Social Psychology, 19*, 296-322
- Nemeth, C.** (1986). Differential contributions of majority vs. minority influence. *Psychological Review, 93*, 23-32
- Robinson, W. P.** (Ed.) (1996). *Social Groups and Identities: Developing the legacy of Henry Tajfel*. Oxford: Butterworth Heineman.
- Rothbart, M., Evans, M. & Fulero, S.** (1979). Recall for confirming events: Memory processes and maintenance of social stereotypes, *Journal of Experimental Social Psychology, 15*, 343-55
- Schachter, S.** (1951/1967) Deviation, rejection and communication. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 46*, 190-207.
- Shaw, M.E.** (1961). Group Dynamics. *Annual Review of Psychology, 12*, 129-56
- Steiner, I.D.** (1964). Group Dynamics. *Annual Review of Psychology, 15*, 421-46
- Steiner, I.D.** (1974). Whatever happened to the group in social psychology? *Journal of Experimental Social Psychology, 10*, 94-108
- Steiner, I.D.** (1986). Paradigms and Groups. In L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology, 19*, 251-289. Orlando, FL: Academic Press.
- Tajfel, H. & Turner, J. C.** (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Ed.s). *The Social Psychology of Intergroup Relations*. Monterey, Cal.: Brooks e Cole.
- Tajfel, H. (Ed.)** (1978). *Differentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations*. London: Academic Press.
- Tajfel, H. (Ed.)** (1982). *Social identity and intergroup relations*. Cambridge: Cambridge University Press e Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Turner, J. C. & Oakes, P. J.** (1986). The significance of social identity concept for social psychology with reference to individualism, interactionism and social influence. *British Journal of Social Psychology, 25*, 237- 52.
- Turner, J. C.** (1984). Social Identification and psychological group formation. In H. Tajfel (Ed.) *The Social Dimension: European developments in social psychology*. Cambridge e Paris: Cambridge University Press e Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.

Turner, J. C. (1991). *Social influence*. Milton Keynes: Open University Press.

Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D. & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: a self-categorization theory*. Oxford: Blackwell.

White, R. & Lippitt, R. (1960). *Autocracy and Democracy*. N.Y.: Harper.

Wilder, D. A. (1986). Social categorization: Implications for creation and reduction of intergroup bias. In L. Berkowitz (Ed.) *Advances in experimental social psychology* (vol. 19, pp. 291-355). Orlando: Academic Press.

Zander, A. F. (1979) The psychology of group processes. *Annual Review of Psychology*, 30, 417-51

✓
cc
,